

**ESTUDOS ALIBIANOS EM MATO GROSSO:
OS NOMES PARA PROSTITUTA**

ALIBIAN STUDIES IN MATO GROSSO:
THE NAMES FOR PROSTITUTE

Laís Lara Botelho | [Lattes](#) | laislarabotelho@gmail.com
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Daniela de Souza Silva Costa | [Lattes](#) | souza.costa@ufms.br
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Valeska Gracioso Carlos | [Lattes](#) | vgcarlos@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo: Este trabalho analisa os nomes documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (PROJETO ALiB) em Mato Grosso (MT) para “[...] a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32). Sob o aporte teórico da Dialetoлогия e da Geolinguística e com base em autores como Isquierdo (2008), Cardoso (2010) e Mota e Cardoso (2012), dentre outros, a pesquisa analisou os dados documentados em nove localidades mato-grossenses, pertencentes à rede de pontos do referido projeto nacional, tendo como objetivo analisar o vocabulário relativo à área semântica Convívio e comportamento social documentado pelo Projeto ALiB, pergunta 142 do QSL/ALiB, com vistas a verificar aspectos linguísticos que singularizam a norma lexical dos habitantes dessas localidades. A partir da análise dos 25 designativos para o referente em questão, confirmou-se que questões extralinguísticas se refletem no léxico em uso pela comunidade, ratificando a importância das pesquisas geolinguísticas para a documentação e a disseminação da realidade linguística mato-grossense, aqui representada pelos nomes para a prostituta.

Palavras-chave: Pesquisas geolinguísticas; Nomes para a prostituta; Mato Grosso Projeto ALiB.

Abstract: This paper studies the names documented by the Atlas Linguistic of Brazil Project (PROJETO ALiB) in Mato Grosso/ MT for “[...] the woman who sells herself to any man” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32). Under the theoretical support of Dialectology and Geolinguistics and based on authors such as Isquerdo (2008), Cardoso (2010) and Mota and Cardoso (2012), among others, the research analyzed the documented data in nine localities in Mato Grosso, belonging to the network points of that national project, aiming to identify the vocabulary related to the semantic area of social interaction and behavior documented by the ALiB Project, question 142 of the QSL/ALiB, with a view to verifying linguistic aspects that distinguish the lexical standard of the inhabitants of these locations. From the analysis of the 25 designations for the referent in question, it was confirmed that extralinguistic issues are reflected in the lexicon in use by the community, ratifying the importance of geolinguistic surveys for the documentation and dissemination of the Mato Grosso linguistic reality, represented here by names for the prostitute.

Keywords: Geolinguistic surveys; Names for prostitute; Mato Grosso; ALiB Project.

INTRODUÇÃO

O léxico de uma língua pode ser entendido como o patrimônio cultural de uma comunidade de falantes, haja vista ser o nível linguístico que mais reflete determinantes extralinguísticos, como influências sociais, econômicas e históricas, por exemplo. Nesse sentido, seu estudo, além de revelar aspectos da língua em uso em dado tempo e espaço, também descortina hábitos, crenças e tradições.

Isso posto, este artigo pretende estudar os nomes dados para a prostituta documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) em Mato Grosso no limiar do século XXI. O ALiB é um projeto nacional cujo objetivo maior é documentar a língua em uso no Brasil em seus aspectos fonético-fonológicos, léxico-semânticos, morfossintáticos, pragmáticos e discursivos.

Tendo em vista, pois, os dados coletados, utilizamo-nos também do aporte da Dialectologia e da Geolinguística, bem como de escritos em Sociolinguística, para analisar as respostas da questão 142 do Questionário semântico-lexical (QSL) do ALiB, que investiga as designações para “a mulher que se vende para qualquer homem” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 32), coletadas em nove localidades de Mato

Grosso, estado localizado na região Centro-Oeste do Brasil. A escolha pelo *corpus* deu-se pelo fato de a regional Mato Grosso do Sul, entre as comissões regionais do Projeto ALiB, ser a responsável, dentre outras, pela referida pergunta do QSL. Ademais, o Plano de Trabalho de Iniciação Científica que deu bases para este texto se trata da continuidade de outro, desenvolvido entre 2018-2019, que já investigara os nomes para a prostituta em Mato Grosso do Sul.

Além disso, entende-se que a prostituição, atividade desenvolvida pelas mulheres mormente conhecidas como prostitutas, mostra-se ainda como um tabu no país, o que pode ser justificado pelo fato de a população brasileira apresentar maioria cristã (IBGE, 2010). Essa realidade relaciona-se diretamente com os estudos linguísticos, uma vez que, para Brandão (1991), é através da língua que o homem expressa suas ideias e as de seu tempo, ou seja: especialmente por suas palavras, as pessoas refletem a sua época e classificam a si próprias, assim como aqueles ao seu redor.

No que tange ao universo pesquisado, Mato Grosso, estado da Região Centro-Oeste, recebeu os pesquisadores do ALiB em nove localidades: além da capital, Cuiabá, também em Aripuanã, São Félix do Araguaia, Diamantino, Poxoréu, Vila Bela, Barra do Garças, Cáceres e Alto Araguaia.

Segundo o IBGE (2019), a população de Mato Grosso pode ser estimada em 3.484.466 pessoas. Trata-se de um estado pantaneiro, cuja divisão de Mato Grosso do Sul ocorreu no ano de 1977. Sua ocupação ocorreu a partir da segunda metade do século passado, com imigrantes oriundos de todos os cantos do país. Conforme Bisinoto (2007 p. 07-08), “[...] essa migração foi planejada, incentivada e facilitada pelas políticas federais, com fins econômicos e ideológicos definidos”. Ainda segundo a autora, “a convivência de brasileiros de diferentes origens produziu uma espécie de caleidoscópio linguístico, constituído pela coexistência das variedades do português falado no Brasil” (BISINOTO, 2007, p. 08).

Realizadas essas considerações iniciais, este texto tem continuidade apresentando o referencial teórico que o orientou, seguido das análises, as considerações finais e a lista de referências consultadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil é um país diverso linguisticamente, tendo em vista, dentre outras características, sua extensão continental. Para Cardoso (2010, p. 15), “[...] o espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área [...]”.

Segundo a mesma autora, a disciplina linguística que se ocupa em compreender essa realidade é a Dialetoлогия, ramo que identifica, descreve e situa os diferentes usos em que uma língua se diversifica. Cardoso e Ferreira (1994) buscam definir a Dialetoлогия como aquela que estuda um feixe de isoglossas, demonstrando que, dentro de uma comunidade, sempre há variações linguísticas, estas que se somam entre si, desenhando e particularizando normas linguísticas.

A Geolinguística, por sua vez, entendida como método da Dialetoлогия, conforme Isquierdo (2008, p. 111), procura, de maneira geral, documentar variações linguísticas de uma língua em um espaço e catalogá-las por meio de atlas linguísticos, que possuem, dentre seus objetivos, essa recolha de dados.

Se a Dialetoлогия se ocupa da variação regional, a Sociolinguística, por sua vez, está pautada na variação social, isto é, interessa-se pelas relações entre os usos linguísticos e fatores sociais. Ambas estudam, pois, a variação linguística; todavia, sob perspectivas diversas.

Dentre essas variações linguísticas, pode-se mencionar a variação diageracional, que se mostra relacionada à idade dos falantes: um jovem de 20 anos pode dar uma resposta diferente para uma mesma pergunta em relação a alguém com o triplo de sua idade, visto que, dadas suas vivências, pensam e falam de formas diferentes (CARDOSO, 2010).

Outro tipo de variação é a diagenérica ou diassexual, que se refere ao sexo do informante: homem ou mulher. Essa variável é de fundamental importância nos estudos dialetológicos, pois é sabido que eles e elas, no decorrer da história, assumem papéis diferenciados em dada sociedade e, conseqüentemente, falam de maneira distinta. A esse respeito, Moreno Fernández (2008 [1998], p. 41) esclarece que “o arcaísmo ou a inovação da fala das mulheres não depende tanto do sexo quanto do tipo de vida que se leva em cada lugar”.

A variação diastrática, por sua vez, baseia-se no critério de condição social, ou seja, nos parâmetros educacionais, ocupacionais e econômicos dos informantes. Ela permite observar como alguém de nível médio ou universitário de escolaridade e alguém de nível escolar menos longo se comportam perante as indagações. Segundo Cardoso (2010), a distinção entre os níveis de escolaridade, por exemplo, permite mudanças no comportamento linguístico.

Também se deve mencionar a variação diafásica, não estudada neste texto, mas que se refere ao convívio entre uma comunidade, esta que determina como o indivíduo se comporta linguisticamente em sociedade, dependendo de cada situação de interação.

Essas variações estão presentes em todos os níveis linguísticos, mas são mais marcadas no léxico de uma comunidade, como já mencionado. Segundo Isquierdo e Krieger (2004), o léxico representa o repertório de palavras da sociedade no decorrer dos anos e pode servir de base para estudos linguísticos e geolinguísticos, revelando falares distintos e, por conseguinte, também realidades socioeconômicas e culturais diversas. Isso posto, pensamos ser necessário discutirmos certos dados lexicais do ALiB, que resultam de valores de juízo dados à mulher que se vende por dinheiro.

Essa necessidade se justifica porque a produtividade dos nomes para esse referente no Mato Grosso, assim como na maioria dos estados brasileiros – como se pode ler em Cardoso *et al.* (2014) –, é uma das maiores encontradas no ALiB. Isso nos faz refletir: por que foram catalogadas 25 lexias para denominar essas mulheres no Mato Grosso? Há preconceito nisso? Podemos denominar isso de preconceito linguístico?

Para Bagno (2003, p. 16), “o preconceito linguístico não existe. O que existe, de fato, é um profundo e estranho preconceito social”. Desse modo, os designativos utilizados para a nomeação de determinados referentes, especialmente os relacionados ao convívio e comportamento social, podem revelar esses preconceitos, como pelo uso dos tabus linguísticos, quando se evitam certos nomes que podem trazer mau agouro ou serem mal avaliados socialmente.

Conforme Mansur Guérios (1979, p. 5), os tabus linguísticos são formados por palavras tidas como “sagrado-proibidas, aquelas que o falante não profere por medo de sofrer represália divina ou da comunidade da qual faz parte”. Essa ideia pode auxiliar na compreensão da diversidade de designações para a prostituta documentadas em Mato Grosso, como se verá no decorrer deste texto.

Tais atitudes linguísticas reveladas pelos nomes ora estudados podem também dizer respeito ao papel da mulher em nossa sociedade, porque espera-se que o comportamento social das mulheres seja mais educado e correto, a exemplo de sua fala. Segundo Silva-Corvalán (1989, p. 69-70), quanto ao comportamento feminino, espera-se que:

[...] seja mais cortês, mais indeciso e submisso, mais correto e ajustado às regras impostas pela sociedade [enquanto há] uma tendência geral a considerar aceitável ou apropriado que os homens rompam as regras e que se comportem de maneira rude, agressiva e inclusive mais “vulgar”.

Com o passar do tempo, os estudos sobre a fala de homens e mulheres foram se perfilando em diversos âmbitos de interesses, diferentes do estudo específico da variação, ainda que desenvolvidos, muitas vezes, de modo complementar. De todos eles, o de maior tradição, peso e significação social talvez seja o da Sociolinguística feminista (THORNEY; HENLEY, 1975; MORENO FERNÁNDEZ, 1975; SMITH, 1979 apud MORENO FERNÁNDEZ, 2008).

Essa corrente de estudos se desenvolveu a partir da década de 1970, e sua principal característica é o desejo expresso de provocar uma mudança social que proporcione a todas as mulheres a igualdade e a liberação da opressão masculina, evidenciando o oculto e o injusto machismo da linguagem. Tais usos machistas podem ser detectados nos mais diversos âmbitos da comunicação, como na redação dos dicionários, no vocabulário empregado para os atributos físicos e morais e no do mundo laboral, nos ditos populares e no folclore (CALERO, 1999 apud MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 45-46 – tradução nossa)

Frente ao exposto, aliar os estudos dialetológicos, geolinguísticos e sociolinguísticos neste texto mostra-se relevante, uma vez que esses trabalhos elucidam usos e costumes evidenciados pelo repertório vocabular dos falantes, notadamente no que tange a designativos relacionados ao convívio e comportamento social, área semântica que congrega os nomes para prostituta documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil e ora analisados.

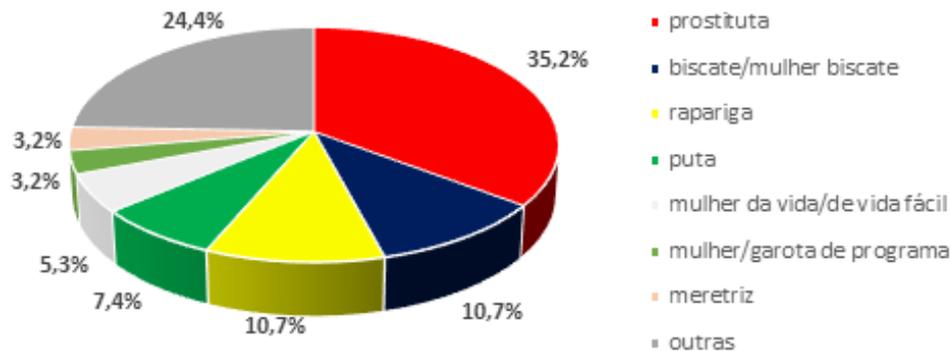
O VOCABULÁRIO MATO-GROSSENSE A PARTIR DOS DADOS EM ANÁLISE

Como já mencionado, os dados ora analisados são oriundos da base de dados do Atlas Linguístico do Brasil, em grande parte inéditos, documentados a partir da pergunta 142 do Questionário Semântico-Lexical do referido projeto: “como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001, p. 32).

Foram catalogadas 25 lexias em um universo de 94 ocorrências nas nove localidades mato-grossenses pesquisadas: prostituta, mulher solteira, garota/mulher de programa, meretriz, mulher da vida/de vida fácil, piranha, rapariga, vampira, violeta, carmélia, mesalina, mulher biscate/biscate, mulher de zona, mulher safada/safada, piriguete, perua,

puta, vagabunda, madalena, mulher de rua, roda bolsinha, vaca, vadia, galinha e quenga, como será analisado nesta seção. O Gráfico 1 permite visualizar tais dados.

Gráfico 1 – Variantes lexicais mais produtivas para nomear a prostituta no estado de Mato Grosso (Projeto ALiB)



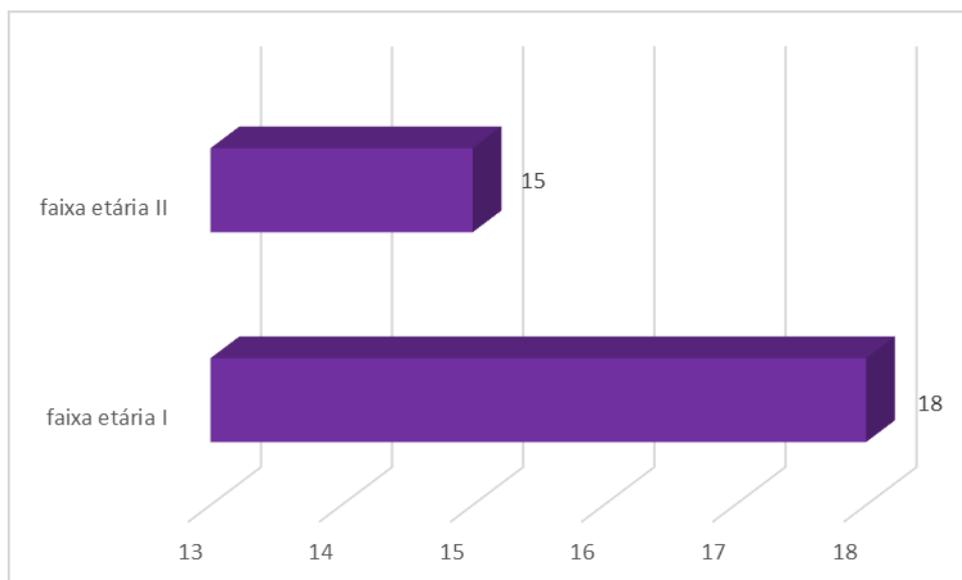
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observamos que, no estado de Mato Grosso, o referente comumente nomeado como *prostituta* é conhecido por muitos outros designativos, organizados sob o título *outras*, que juntos somam 24,4%. Todavia, *prostituta* domina os registros com 35,2%, seguida de longe por *biscate* e *rapariga*, ambas com 10,7%, *puta*, com 7,4% das ocorrências, *mulher da vida/de vida fácil*, com 5,3%, e, finalizando os dados mostrados no Gráfico 1, *mulher/garota de programa* e *meretriz* se apresentam com 3,2% de produtividade.

Em *outras*, além das ocorrências únicas, isto é, daquelas unidades léxicas mencionadas apenas uma vez no *corpus*, e que serão apresentadas no Quadro 1, temos também *piranha*, *carmélia*, *vagabunda*, *safada/mulher safada* e *vaca*, todas computando 2,1% de produtividade.

Quanto às variáveis sociais, o Gráfico 2 apresenta a produtividade de *prostituta* de acordo com a faixa etária.

Gráfico 2 – Variação diageracional para *prostituta* em Mato Grosso segundo o ALiB



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo os parâmetros do Atlas Linguístico do Brasil, classificamos como da faixa etária I os informantes mais jovens (18-35 anos) e, como da faixa etária II (50-65 anos), os mais velhos. Segundo esse critério, podemos observar que a variante lexical *prostituta* predomina entre os mais jovens, somando 54,4% dos registros, enquanto, para a faixa etária II, soma 45,6%. De acordo com Eckert (1997 apud MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 47, tradução nossa):

A idade, com o passar do tempo, vai determinando e modificando as características e os hábitos sociais dos indivíduos, incluindo os comunicativos e os puramente linguísticos. [...] As diferenças que derivam da idade, como a relação que a idade estabelece com outros parâmetros sociais, oferecem manifestações e implicações sociolinguísticas muito diversas, segundo a cultura ou o tipo de comunidade de que se trate¹.

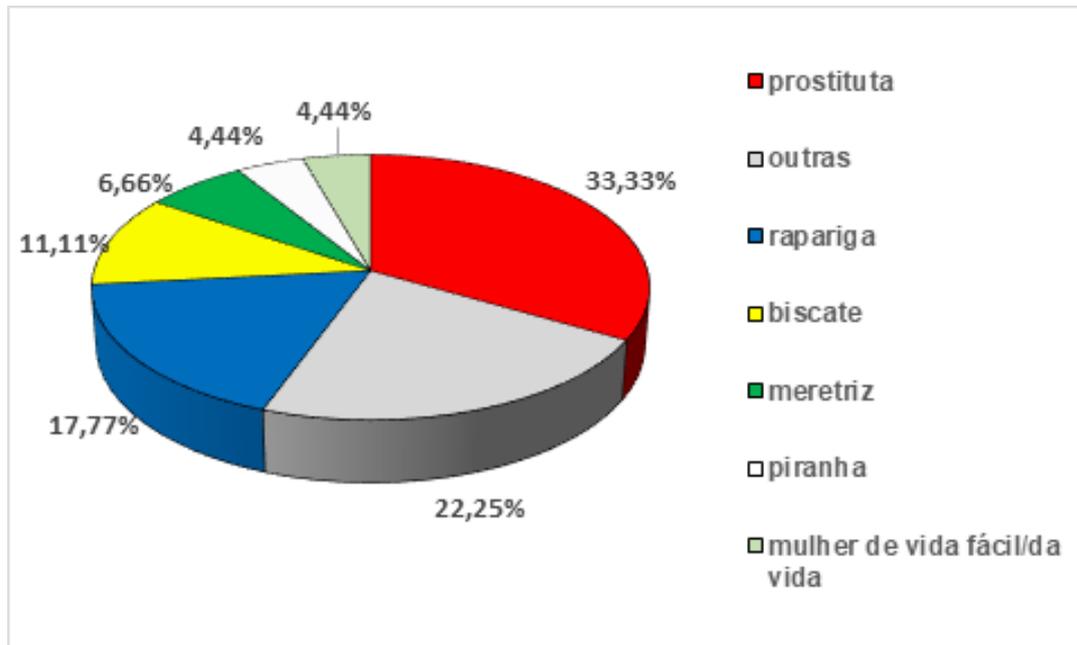
Além disso, tendo em vista que *prostituta* se mostra como pertencente à norma padrão – isto é, a mais propagada e aceita pela sociedade e por isso disseminada pela escola e pelas mídias –, essa lexia predomina entre os jovens, menos refratários a tais influências por terem sua norma linguística muitas vezes ainda não sedimentada.

Isso confirma que, entre os mais velhos, a diversidade linguística é mais acentuada, posto que um maior número de variantes lexicais² foi documentado na fala dessa faixa

² Das 25 lexias aqui analisadas, 17 foram mencionadas pelos informantes mais velhos: *prostituta*, *rapariga*, *biscate*, *meretriz*, *piranha*, *mulher da vida/de vida fácil*, *mulher solteira*, *vagabunda*, *messalina*, *mulher safada*, *puta*, *mulher da zona*, *violeta*, *vampira*, *carmélia* e *quenga*.

etária, diminuindo o percentual de ocorrências de *prostituta*, como se pode ver no Gráfico 3.

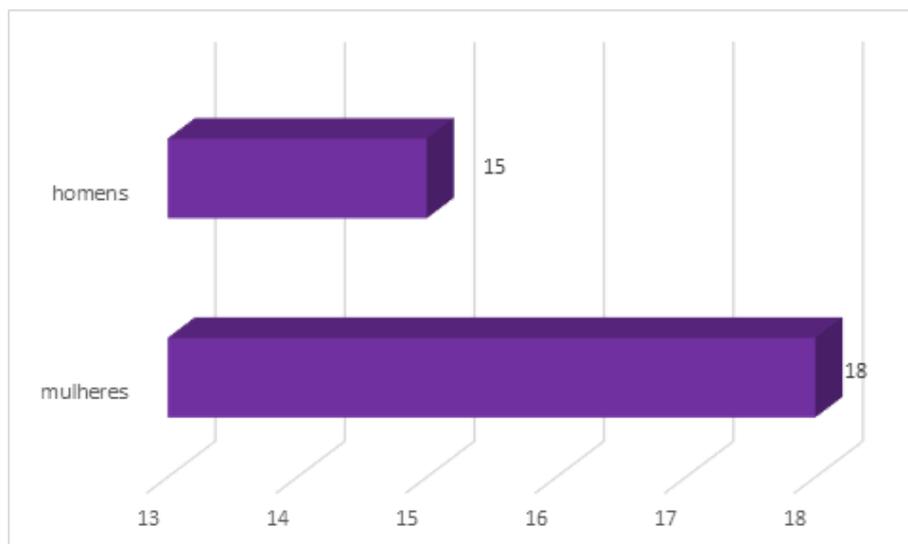
Gráfico 3 – Designativos para prostituta documentados na faixa etária II (ALiB – Mato Grosso)



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A variável idade relaciona-se fortemente com o sexo e, sobre essa relação, Cameron, citado por Moreno Fernández (1998), demonstrou a certeza de uma hipótese de trabalho: que as diferenças linguísticas baseadas no gênero variam no decorrer da vida. Foi comprovado, por exemplo, que as diferenças linguísticas entre gêneros são relativamente pequenas na infância, aumentam ao seu máximo na adolescência e decrescem paulatinamente na idade madura, até alcançarem seu ponto mais baixo, entre os quarenta e os sessenta anos – às vezes antes –, e ficam um pouco mais marcadas na reta final da vida. Os dados apresentados no Gráfico 4 confirmam tal afirmação.

Gráfico 4 – Variação diasssexual para *prostituta* em Mato Grosso, segundo dados do ALiB



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Segundo os dados do ALiB, para a variação diasssexual, isto é, aquela que trata do sexo dos informantes, observamos que 54,5% dos registros estão entre as mulheres, que, ao nomearem a mulher que vende seu corpo por dinheiro, utilizam a lexia *prostituta*, enquanto as demais ocorrências (45,5%) foram documentadas entre os homens. Uma vez que temos o mesmo número de informantes distribuídos entre os sexos, podemos depreender que, de fato, o perfil feminino utiliza mais fortemente a norma padrão, especialmente para nomear um referente que traz consigo questões culturais e mesmo tabuísticas.

Esses resultados convergem com os estudos de Paiva (2003, p. 33), para quem “[...] as diferenças mais evidentes entre fala de homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher”.

Finalmente, apresentamos, no Quadro 1, a lista das ocorrências únicas, isto é: das unidades léxicas mencionadas apenas uma vez no *corpus*:

Quadro 1 – Ocorrências únicas para nomear a prostituta

Variante lexical	Perfil do informante ³
<i>galinha</i>	4ª resposta inf. 1 = H Cb GI
<i>quenga</i>	4ª resposta inf. 4 = M Cb GII
<i>roda bolsinha</i>	3ª resposta inf. 8 = M Ca GII
<i>vadia</i>	3ª resposta inf. 2 = M Cb GI

³ Os informantes aqui são identificados da seguinte forma: H – homem, M – mulher; Cb – escolaridade básica, Ca – escolaridade universitária; GI – faixa etária I, GII – faixa etária II.

<i>mulher da rua</i>	3ª resposta inf. 1 = H Cb GI
<i>madalena</i>	3ª resposta inf. 2 = M Cb GI
<i>mulher solteira</i>	1ª resposta inf. 3 = H Cb GII
<i>vampira</i>	1ª resposta inf. 7 = H Ca GII
<i>violeta</i>	1ª resposta inf. 3 = H Cb GII
<i>messalina</i>	2ª resposta inf. 3 = H Cb GII
<i>periguete</i>	2ª resposta inf. 2 = M Cb GI
<i>perua</i>	2ª resposta inf. 1 = H Cb GI
<i>mulher de zona</i>	2ª resposta inf. 4 = M Cb GII

Fonte: Elaborado pelas autoras.

O Quadro 1, além de demonstrar o perfil dos informantes que mencionaram as ocorrências únicas, também apresenta a ordem em que elas foram proferidas. Nesse sentido, vê-se que essa diversidade não se mostra mormente como primeira resposta – à exceção de *mulher solteira*, *vampira* e *violeta*, documentadas na fala da faixa etária II. Quando da aplicação dos questionários, os pesquisadores fazem a pergunta e, em muitos casos, após a primeira resposta, questionam: “conhece outro nome para...?”

Isso leva às segundas, terceiras... respostas, que revelam essa variedade de nomes, bem como o conhecimento, por parte dos informantes, de outros nomes para os referentes⁴.

O Quadro 1 ainda elucida os dados apresentados pelos Gráficos 2 e 3, que já indicaram a variedade de nomes proferidos pelos mais velhos.

Esse grande número de unidades léxicas documentadas para nomear o referente mais conhecido como prostituta pode ainda ser interpretado como uma mostra de tabu linguístico. Para Santos e Costa (2020), que investigaram esses designativos, mas os documentados pelo ALiB em Mato Grosso do Sul, “[...] podemos compreender os nomes para prostituta a partir dessa perspectiva teórica, tendo em vista a variedade de designativos documentados [...], bem como a diversidade de suas origens etimológicas e dos perfis de informantes que os proferiram” (SANTOS; COSTA, 2020, p. 191).

Isso posto, vê-se que os estudos lexicais em muito revelam modos de viver, ser e pensar dos falantes. No caso dos nomes para prostituta, notam-se comportamentos linguísticos distintos entre os perfis. Igualmente, os dados coletados em localidades do interior têm mostrado mais diversidade em relação às informações documentadas nas capitais dos estados – como se lê em Cardoso *et al.* (2014, p. 229), o que poderá ser confirmado com a continuidade dos estudos.

⁴ Os estudos sobre a ordem das respostas ainda estão em desenvolvimento no âmbito do Atlas Linguístico, mas têm se mostrado muito produtivos, especialmente em algumas análises, como esta.

CONCLUSÕES

Este trabalho teve os objetivos de: i) analisar as unidades lexicais que nomeiam o referente comumente conhecido como *prostituta* proferidas pelos 28 informantes do Projeto ALiB, habitantes de nove localidades mato-grossenses, a fim de contribuir para o conhecimento da realidade linguística regional brasileira no que se refere ao campo semântico do convívio e comportamento social; ii) demonstrar a distribuição diatópica das variantes no universo pesquisado, considerando variáveis sociolinguísticas, como sexo e idade.

Nesta pesquisa, foram investigadas 25 lexias, observando-se que a variante lexical *prostituta* foi a mais pronunciada em todo o estado de Mato Grosso, com 35,2% das respostas catalogadas, seguida das lexias *biscate* e *rapariga* (ambas com 10,7% de produtividade), *puta* (7,4%), *mulher da vida/de vida fácil* (5,3%), *mulher/garota de programa* e *meretriz* (3,2% de produtividade).

Também podemos observar que a variante lexical *prostituta* teve predomínio no perfil feminino (54,4% de seus registros ocorreram na fala de mulheres) e na fala de jovens (também 54,4%), referendando sua classificação como norma padrão para designar o referente em questão. Todavia, entre os mais velhos (faixa etária II), a lexia perdeu espaço para outras designações, já que, nesse perfil, foi documentada maior diversidade de nomes (17 dos 25 analisados).

Frente ao exposto, os resultados demonstraram que os estudos ora empreendidos convergem com os de Santos e Costa (2020), que investigaram a realidade sul-mato-grossense, bem como como ampliam os horizontes para os trabalhos lexicais, explorando dados do interior e contribuindo, dessa forma, para o Atlas Linguístico do Brasil, projeto que cedeu os dados analisados e que subsidia esta pesquisa. Ademais, foi possível constatar indícios de tabus linguísticos, dada a diversidade de nomes documentados, que pode desvelar atitudes linguísticas de negação, repulsa ou, ao menos, suavização de impressões sociais marcadas nas unidades léxicas, tal qual Mansur Guérios (1979) apontara.

Conclui-se, enfim, que as pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, para além de revelarem a dinamicidade da norma linguística em uso por dada comunidade, elucidam hábitos, crenças e modos de ser e de viver de um espaço e tempo, aqui representados pelo vocabulário dos mato-grossenses para nomear a mulher que se vende para qualquer homem.

Referências

BISINOTO, L. S. J. *Atitudes sociolinguísticas: efeitos do processo migratório*. Campinas: Pontes Editores: RG Editores, 2007.

BAGNO, M. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRANDÃO, S. F. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M.; FERREIRA, C. *A Dialetoлогия no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

CARDOSO, S. A. M. da S. *et al. Atlas Linguístico do Brasil*. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Tabela 137*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>. Acesso em: 12 nov. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mato Grosso*. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

ISQUERDO, A. N. *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil Portugal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

LANGACKER, R. W. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos fundamentais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 51-74.

MANSUR GUÉRIOS, R. F. *Tabus lingüísticos*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Sociolingüística en EE.UU: guía bibliográfica crítica*. Málaga: Ágora, 1975-1985.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 3. ed. Barcelona: Ariel Lingüística, 2008.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Documentos 3: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Vento Leste, 2012.

PAIVA, M. da C. A variável sexo/gênero. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PORTAL DO GOVERNO DE MATO GROSSO. *Geografia*. Disponível em: <http://www.mt.gov.br/geografia>. Acesso em: 5 jul. 2020.

SANTOS, L. C. O.; COSTA, D. de S. S. O ALiB e a norma lexical de Mato Grosso do Sul: nomes para prostituta. *Falange Miúda*, Roraima/Alagoas, v. 5, n. 2, p. 176-196, 2020.

SILVA-CORVALÁN, C. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madrid: Alhambra, 1989.

SMITH, P. M. Sex markers in speech. In: SCHERER K. R.; GILES, H. (eds). *Social markers in speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

THORNE, B.; HENLEY, N. (Ed.). *Language and sex: difference and dominance*. Rowley, Mass.: Newbury House Publishers, 1975.



Data de submissão: 28/11/2020
Data de aceite: 30/06/2021